

COMUNIDADES CULTURAIS E LINGUÍSTICAS: UM VEÍCULO PARA A COOPERAÇÃO INTER-REGIONAL E INTERNACIONAL?

Gonçalo de Santa Clara Gomes

I Terei que começar por delimitar o âmbito desta apresentação. Há uma diferença entre comunidades culturais e comunidades linguísticas. A cultura é uma noção vaga e com múltiplos sentidos. É uma palavra que, tomada nalgumas das suas acepções, implicaria mesmo que *todas* as comunidades de Estados fossem baseadas numa cultura comum, já que assentam em valores, ideias, percepções e interesses partilhados pelos seus membros.

É claro que podemos delimitar o conceito de comunidades culturais considerando apenas aquelas em que as ideias, os valores e as percepções comuns sejam as determinantes principais da formação dessas comunidades, juntando a esse elemento o do predomínio, ao nível dos objectivos do grupo, da preservação e da expansão da cultura comum. Neste sentido, o Conselho da Europa tem uma forte base em valores e ideias partilhadas pelos membros e tem objectivos culturais e de defesa e promoção desse património, sobretudo ao nível dos direitos humanos. E, tal como o Conselho da Europa, há comunidades e grupos regionais, latino-americanos, asiáticos e africanos que se reclamam de fortes afinidades culturais, além das geográficas.

Mas há sempre uma fronteira difícil de precisar. Por exemplo, também a União Europeia parte de valores, ideias, percepções e atitudes comuns, reforçando objectivos partilhados de tornar impossível a guerra entre os membros e de caminhar para uma integração crescente. Será que uma comunidade cultural tem de ser caracterizada pela negativa, por não defender interesses materiais ou políticos? Nenhuma, que eu saiba, aceitaria esta restrição.

Creio assim mais útil concentrar-me aqui na noção de comunidades linguísticas, sem com isso implicar que a ideia mais vasta de comunidades culturais (formais ou informais) não merece ser explorada.

A língua é, de facto, uma noção mais precisa do que a cultura. A língua vai mais *fundo*, é mais *material* que a cultura. A língua é mais directamente constitutiva da identidade de quem a usa e implica, por trás dela, uma história comum em que este elemento foi partilhado.

Convém, no entanto, lembrar que uma língua comum, não implica uma identidade comum para todos os que a usam: pode a língua ser um instrumento comum sem que haja uma partilha de valores profunda e sem que existam outros factores de aproximação como a geografia, ou uma comunidade de interesses económicos ou estratégicos. E certamente podem utilizar a mesma língua Estados com níveis de desenvolvimento muito distantes. Podemos mesmo dizer que, frequentemente, a heterogeneidade – económica, social, racial, cultural, etc. – é um elemento característico duma comunidade linguística. Mas, em todos os casos, eu diria que a língua cria um laço forte entre os que partilham e facilita e encoraja os contactos e a comunicação entre eles. O uso duma mesma língua é um convite permanente para ir mais longe na cooperação entre Estados.

Irei assim concentrar-me nas comunidades linguísticas e, entre estas, nas que se formaram a partir de antigas relações de colonização, que implicaram esforços de integração em entidades políticas vastas. Considerarei organizações como a Comunidade Britânica, a Francofonia, a CPLP e a Comunidade Ibero-americana. De fora ficarão entidades de génese diferente e com objectivos mais vastos como a Liga

Árabe, e também esforços nacionais, importantes ao nível das relações internacionais, para organizar e aproveitar ligações com diásporas (a China e Israel são dois casos interessantes).

No que respeita às comunidades linguísticas, irei tentar responder muito brevemente a duas perguntas:

- Porque se constituíram estas comunidades?
- qual a sua estrutura e como funcionam?

Voltarei depois ao título desta sessão e procurarei dizer em que medida estas comunidades são um veículo para a cooperação inter-regional e internacional. E qual a sua utilidade para a ordem internacional.

II A língua, uma parte da história vivida em conjunto, e ideias comuns são fortes factores de agregação e facilitam a formação de comunidades, apesar da heterogeneidade cultural, geográfica e de nível de desenvolvimento que já referi.

Mas todas as comunidades formalmente constituídas resultam de actos de vontade, de factos constitutivos aprovados pelos Estados. Estes, ao decidir aproveitar o que têm em comum, são determinados pela percepção de interesses fortes. E aqui distinguiria:

- os interesses comuns, isto é partilhados por todos;
- dos interesses próprios de cada um, ou dum grupo de Estados (mas não de todos), interesses estes que também convergem no objectivo de criar uma comunidade.

No caso das comunidades linguísticas, estão entre os interesses comuns:

- a protecção da língua e da cultura, tanto dentro dos Estados membros (em que a língua é elemento de agregação do povo e de coesão nacional) como internacionalmente;

- o reforço do poder e da influência de todos na comunidade internacional;

- dentro deste interesse genérico, salientaria o contributo que a criação de uma comunidade dá para resistir à perda de poder que a tendência para a multiplicação dos actores internacionais traz, e também para o mesmo fenómeno dentro de comunidades geográficas;

- também neste mesmo âmbito, destacaria que uma comunidade linguística permite obter meios de pressão e influência tanto junto de países doutras regiões como de organizações internacionais.

Entre os interesses particulares a alguns dos membros duma comunidade linguística, mas convergentes no objectivo de a criar e manter, destacaria:

- Para os países mais desenvolvidos, a manutenção duma influência sobre os países que usam a mesma língua, influência que estaria em risco de se perder ou esfumar;

- para os outros, assegurar a manutenção de relações privilegiadas de cooperação para o desenvolvimento, incluindo aqui a concessão de estatutos privilegiados nas áreas da educação e da formação tecnológica e até tratamento mais favorável para os seus emigrantes.

III Terei de ser muito breve na referência à estrutura destas comunidades linguísticas. Diria apenas que

- são constituídas por Estados juridicamente iguais e numa relação não hierárquica entre si;

- frequentemente existe uma marcada distinção entre eles nas capacidades materiais e no poder de que dispõem;

- estas comunidades são pouco centralizadas e as instituições comuns são geralmente fracas;

- as relações bilaterais entre os membros têm um peso muito mais forte do que as relações com os órgãos da comunidade;

- dados os interesses comuns e os interesses convergentes, existe uma cultura comum, agora no sentido de cultura da organização, cultura essa que acentua a amizade e as ligações entre os membros, o desejo de evitar conflitos entre eles (desde que não conflituem com interesses próprios fortes) e o apoio aos interesses específicos de cada um. Este traço cultural leva à utilização frequente duma retórica de amizade e à insistência no que une, que produzem efeitos benéficos.

Quanto ao funcionamento referiria:

- as relações antigas trazem um património comum mas também bastante susceptibilidades;

- daí que no seu funcionamento as comunidades linguísticas traduzam uma forte preocupação pela dignidade e interesses de cada membro;

- embora, em regra, a iniciativa de constituição destas comunidades parta do país de que a língua é originária, a posição privilegiada deste esbate-se quando o desenvolvimento económico e educacional diminui as diferenças entre os membros;

- como na origem da comunidade está um facto constitutivo, um contrato fundador, existem implícitos deveres duns para os outros – consoante a sua posição na comunidade:

- uns têm uma responsabilidade específica de manter um nível de ajuda económica e técnica e abertura à entrada de pessoas e bens suficiente;

- outros, de uma forma mais geral, são supostos dar formas de apoio político e manifestar alguma preferência pelos produtos, técnicas e pessoas dos outros;

- todos são supostos contribuir para a diminuição dos desníveis de desenvolvimento dentro da comunidade e para o reforço da coesão desta em valores e ideias;

- os laços entre pessoas são privilegiados, e é dada preferência na educação aos cidadãos de países comunitários;

- as decisões são em regra tomadas por consenso e quaisquer formas de influência são exercidas bilateralmente;

- finalmente, é difícil passar nestas comunidades, dada a sua heterogeneidade geográfica, para formas de cooperação e poder internacional económico ou militar avançadas, embora de forma limitada, possam favorecer os investimentos e o comércio;

- e, por essa razão estas comunidades linguísticas carecem de *hard power* na cena internacional e tendem a não exercer um papel decisivo nos grandes desafios e conflitos mundiais.

IV Serão as comunidades linguísticas um veículo para a cooperação inter-regional e internacional?

Creio que haverá que distinguir três níveis:

- Dentro da área comunitária, além do que disse atrás sobre os interesses e objectivos comuns, que todos são positivos, acrescentaria apenas a importância que a existência duma comunidade linguística pode ter na prevenção e na resolução de conflitos internos de Estados membros; e diminuem as tensões inter-estatais dentro da área linguística;

- ao nível inter-regional, estas comunidades de países dispersos criam laços entre regiões e permitem um melhor conhecimento e entendimento entre estes; permitem também que se estabeleçam formas de advocacia dos interesses de países numa região nos países e órgãos de outras regiões.
- ao nível internacional mais vasto salientaria que estas comunidades
- são projectos universalistas e expansivos;
- ajudam à propagação e universalização dos valores universais, nomeadamente favorecem a democratização;
- são relevantes para a assunção e definição dos grandes objectivos mundiais;
- permitem dar mais voz no sistema internacional a países que, de outro modo, seriam menos tidos em conta;
- permitem a esses países resistir melhor, em certos casos, a países dotados de forte potência;
- favorecem o diálogo e a cooperação Norte-Sul;
- estimulam a cooperação internacional para o desenvolvimento, nomeadamente criando uma rivalidade saudável entre as diversas comunidades linguísticas.

Em conclusão, acrescentaria apenas que, as comunidades linguísticas são, em todos os casos, projectos a longo prazo, cujo valor integrativo e em favor de maior convergência política, económica e social só poderão ser avaliados numa perspectiva temporal larga. E são projectos abertos, no sentido de que criam um movimento que vai para além da cooperação dos aparelhos estatais, abrangendo actividades em que é central a participação das sociedades civis. São estas duas características que, ao mesmo tempo, levam alguns a encarar estas comunidades com cepticismo, enquanto outros reconhecem nelas um potencial apreciável de transformação e reforço da sociedade internacional.